

# A poética de Manoel de Barros: uma excursão pelo chão do Pantanal<sup>1</sup>

Ana Maria dos Anjos Martins Barbosa

PPG-UFGD

Eu sou cuiabano de chapa e cruz.  
Mas fui criado no Pantanal de Corumbá,  
no chão de acampamentos, a ver meu pai fazendo cercas.  
Conheci as boas coisas do chão.  
Hoje o meu olhar é ajoelhado no chão a ver  
os caracóis da terra, as rãs das águas, os lagartos das pedras.  
Barros, *apud* Godoy; Câmara, 1998: 4

## Resumo

Antônio Lobo Antunes viveu em Angola, prestando serviço militar obrigatório de 1971 a 1973, no processo de descolonização daquele país de jugo português, tomando conhecimento sobre as situações e os fatos escabrosos. A psiquiatria, profissão que exerceu até há pouco tempo, também o auxilia como fonte de onde retira o substrato para o aprofundamento na alma portuguesa, marco de sua obra literária. Em *O Esplendor de Portugal* e em *A Ordem Natural das Coisas*, Antunes se vale de elementos estéticos, como a desconstrução da narrativa, a representação da comunicação interrompida e a repetição alucinatória dos fatos para traduzir a agonia, a dor e o medo do trauma das personagens em cena. Ao se valer desses elementos estéticos para apresentar, por meio dos testemunhos, suas personagens, Antônio Lobo Antunes propõe-nos uma reflexão, baseada na ironia, no horror e no humor, a respeito da natureza humana. Proponho neste trabalho uma leitura dessas obras de Lobo Antunes a partir das perspectivas de teóricos que tratam da feiúra no plano das artes, como Umberto Eco; da violência na literatura, como Ronaldo Lima Lins; da memória e do testemunho, como Márcio Seligmann-Silva; e do gosto do ser humano pela dor alheia, como Susan Sontag.

## À guisa de introdução

A partir da epígrafe inicial, o escritor Manoel de Barros, fazendo uso de uma expressão regional utilizada pelos cuiabanos, no sentido de denominar aqueles que são nascidos em Cuiabá: o “Chapa e Cruz” ou “Tchapa e cruz” (como é foneticamente pronunciado), designa aquele que nasceu e se batizou em Cuiabá, o autêntico cuiabano e prefigura o seu *locus* de enunciação. A expressão *ser pantaneiro de chapa e cruz* –como se apresenta Manoel de Barros–, além do seu significado cultural, aquele que tem a sua ancestralidade autenticada, legítimo de procedência, gente simbolicamente brasonada, também confirma o caráter de singularidade que atribuímos à poética manoelina.

Desse modo, este trabalho tem por objetivo central verificar, com base nos Estudos Culturais e de Literatura comparada, principalmente sob a perspectiva da crítica cultural latino-americana, a dimensão poética do escritor sul-mato-grossense Manoel de Barros, em sua dimensão espacial, regionalista e regional. Propõe-se, portanto, analisar a “circunscripción”<sup>2</sup> da escrita manoelina em seu nível de representação, enquanto discursivização própria do elemento regional, intrínseco ao

1 Originariamente, este trabalho constitui reflexão de nosso projeto de pesquisa intitulado *Manoel de Barros: Ethos e oralidade no chão do Pantanal*, desenvolvido como Dissertação de Mestrado no PPG em Letras da UFGD, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Sérgio Nolasco dos Santos.

2 Segundo Kaliman, teórico de “regiões culturais”, trata-se de pensar como a produção de conhecimento, em um conjunto heterogêneo, forma *una circunscripción espacio-temporal*, revitalizando o debate sobre a diferença entre região física e região constituída por afinidades ideológicas e conceituais. *Circunscripción* carrega uma ideia implícita, digna de discussão, uma vez que “una región no es el conjunto de realidades materiales contenidas dentro de determinados límites espacio-temporales, más precisamente, el *constructo* mental –o social, según el marco conceptual en el que estamos trabajando– en el cual imaginamos esos límites” (Kaliman, 1998: 2).

universo de discurso do escritor. Assim, procuramos pontuar o lugar/espço do texto –da textualidade– como constitutivo do que denominamos literatura sul-mato-grossense. Sem desconhecer a dimensão maior da representatividade da poética manoelina, interessa-nos especialmente discutir a produão de sentidos do texto literário enquanto gerador de elementos de representaão que vinculam esses textos do autor com o *locus* de enunciaão e com o contexto sociocultural que serviu de solo para o seu surgimento. Dizendo de outra maneira, verificamos o caráter dialógico que a obra do escritor estabelece com o solo da região cultural que a originou.

## Uma excursão pelo chão do Pantanal

Manoel de Barros, “menino do mato”, homem que se tornou árvore, poeta pantaneiro, que numa poética torta, mais para crônica ou narrativa do que poema, conta o Pantanal reflete em sua poética o chão que a originou, banhada da cultura local, apresentando um horizonte poético particular, possível de observar em diversos dos seus textos, como, por exemplo, no seguinte trecho de “Balada do Palácio do Ingá”, presente em *Face imóvel* (1942), quando o escritor vivia no Rio de Janeiro e demonstra a saudade do Pantanal: “Na sala de espera do Palácio de Ingá tem uma pele de onça / Ai que saudades do Pantanal! (...)” (Barros, 1996: 71), ou ainda no texto “Explicação desnecessária”, de *O livro das ignorãças*:

Na enchente de 22, a maior de todas as enchentes do Pantanal, canoeiro Apuleio vagou 3 dias e 3 noites por cima das águas, sem comer sem dormir –e teve um delírio frásico. A estórea aconteceu que um dia, remexendo papéis na Biblioteca do Centro de Criadores da Nhecolândia, em Corumbá, dei com um pequeno Caderno de Armazém, onde se anotavam compras fiadas de arroz feijão fumo etc. Nas últimas folhas do caderno achei frases soltas, cerca de 200. Levei o manuscrito para casa. Lendo as frases com vagar imaginei que o desolo a fraqueza e o medo talvez tenham provocado, no canoeiro, uma ruptura com a normalidade. Passei anos penteando e desarrumando as frases. Desarrumei o melhor que pude. O resultado ficou esse. Desconfio que, nesse caderno, o canoeiro voou fora da asa. (Barros, 1993: 71)

Destacam-se aí a presença do lugar e o valor deste na escrita manoelina, com um estilo peculiar. Barros se apropria do ambiente pantaneiro, seu lugar de pertencimento e com seus rios e pessoas constrói o universo de sua prosa poética. O Pantanal, mais que um pano de fundo, é um elemento composicional, é o próprio agente da criação literária, aquilo que será transformado em poesia, como nos versos: “Espremida de garça vai a tarde. O dia está celeste de garrinchas (...)”, ou “o canto distante da sariema encompridava a tarde (...)” (Barros, 2008: VI). Igualmente, segundo Frederico Fernandes, a escrita manoelina ensina que “a poesia oral pantaneira significa saber tirar sentidos das menores coisas que circulam no Pantanal e que o Pantanal tem muita linguagem-conteúdo, essência de coisas, de pré-coisas, coisas das “ignorãças” (Fernandes, 2003: 91). O que, também foi observado por Marinho, ao assinalar que a poética do escritor delineia-se através de “expressões advindas do linguajar do homem pantaneiro, fato que contribui para que a cultura regional seja conhecida por um público maior que aquele definido pelos habitantes do Pantanal e seu entorno (...)” (Marinho, 2002: 62). Barros retrata as paisagens de sua “região-lugar-mundo”, mas também faz parte delas por ter nascido e vivido nesse lugar. A poesia e a paisagem formam uma “geograficidade”<sup>3</sup>, num sentimento de pertencimento. Como se lê em *Livro de Pré-coisas – Roteiro para uma excursão poética no Pantanal* (1985),<sup>4</sup> de Manoel de Barros, avaliado como prosa-poética que conduz o leitor pelas entrâncias do Pantanal, com seus rios, personagens

3 Expressão cunhada pelo geógrafo francês Eric Dardel, que assinala a relação do homem com a Terra como “cumplicidade obrigatória” e como modo de sua existência e de seu destino (Holzer, 2001: 111).

4 A 1ª edição de *Livro de pré-coisas* data de 1985.

e cenários. Portanto, na obra, o narrador vai se revelando e construindo sua identidade, num processo de identificação com a origem do próprio escritor, pois o “sujeito” desses textos, espécie de contador de estórias, transmuta-se em ser performático do espaço regional, com suas diversidades locais; descreve e demarca os elementos naturais: “*Deixamos Corumbá tardeando. Empeixado e cor de chumbo, o rio Paraguai flui entre árvores com sono.*” Barros, 2002: 15). Ou ainda, na mesma obra, quando o narrador apresenta sua terra natal, Corumbá:

Corumbá estava amanhecendo. (...) /Aqui é o Portão de Entrada para o Pantanal./ Estamos por cima de uma pedra branca enorme que/ O rio Paraguai, lá embaixo, borda e lambe. (...)/ Parece uma gema de ovo o nosso pôr-do-sol do lado da Bolívia./ Se é tempo de chover desce um barrado escuro por/ toda a extensão dos Andes e tampa a gema (...). (Barros, 1985: 11)

De tal modo, o narrador apresenta sua terra natal: Corumbá, “o Portão de Entrada para o Pantanal” e “o narrador viaja de lancha ao encontro de seu personagem”: o rio Paraguai? O Porto de Manga? O portão da Nhecolândia, entrada pioneira para o Pantanal? A região da Nhecolândia é uma das sub-regiões do Pantanal, onde se podem ver várias lagoas assim e animais passeando ao seu lado. Um imenso zoológico sem cercas: é o topo da pirâmide da cadeia alimentar. O escritor constrói a representação arquetípica do Pantanal, que nas palavras de Berta Waldman: “Mais que referente geográfico, em constante decomposição e renovação, o Pantanal configura-se como um mundo fluido e circular onde a vida e a morte fervilham no rastro animal e vegetal” (Waldman, 1990: 15).

Dessa maneira, observa-se que representativa parcela da produção literária manoelina faz repercutir o lugar de nascimento do Autor/narrador e muito de suas vivências, mostrando-se entranhada num *locus* da enunciação, num universo de discurso que “em tudo e por tudo fixa-se ao torrão natal”, através de fotografias da paisagem ou da oralidade local, como se observa em diversas passagens de *Poemas concebidos sem pecado*: “- Eu só sei que meu pai é chalaneiro mea mãe é lavandeira e eu sou beque de avanço do Porto de Dona Emília” (*sic*). (Barros, 1985: 9). Ainda sob esta perspectiva, constata-se que o narrador da existência do Pantanal e seu entorno e descreve Corumbá, no poema “O escrínio”: “(...) Depois, subindo a ladeira, vinha a cidade propriamente dita, com a estátua de Antônio Maria Coelho, herói da Guerra do Paraguai, cheia de besouros na orelha” (Barros, 1985: 39). Essa escultura, a que se refere o escritor, fica na Praça da Independência, na cidade de Corumbá; é um monumento em homenagem a Antônio Maria Coelho, General que adquiriu grande prestígio no Império após sua atuação durante a Guerra do Paraguai.<sup>5</sup>

*Livro de pré-coisas: Roteiro para uma leitura poética do pantanal* já constitui, a partir do título, um paratexto que interliga, ambientando, a obra ao mundo cultural do pantanal sul-mato-grossense. O escritor conduz a obra como se fosse um itinerário em que o narrador, Bernardo, apresenta sua terra e viaja por ela. E o roteiro divide-se em quatro partes: a primeira é “Ponto de Partida” (p. 7), em que relata a intenção da obra e conta a viagem de Corumbá até o Pantanal, e mais particularmente a subregião chamada de “Pantanal da Nhecolândia”; a segunda se intitula “Cenários” (p. 17), e diz respeito à descrição do ambiente em que se passará a “excursão”, e a terceira, denominada “O Personagem” (p. 39), destaca a figura de Bernardo/Bernardão e de outras personagens. Por fim, completa o livro, com a quarta parte, “Pequena história natural” (Barros, 1985: 77 *passim*), em que narra de forma descritiva alguns animais pantaneiros.

O espaço apresentado é o do Pantanal, e, talvez, esse espaço seja a personagem maior da prosa do Autor, pois como “ponto de partida”, o escritor, no texto intitulado “Anúncio”, explica que

5 No histórico episódio de 13 de junho de 1867, conhecido como a Retomada de Corumbá, Antonio Maria Coelho garantiu o cargo de primeiro governador do Mato Grosso, após a proclamação da República. É dele a autoria da atual bandeira de Mato Grosso, porém, conforme texto de Barros, a estátua do General passou a escrínio de besouros. A estátua do general Antonio Maria Coelho fica na Praça da Independência, em Corumbá-MS.

“este não é um livro *sobre* o Pantanal”<sup>6</sup>, o que depreende-se seja o próprio Pantanal antropomorfizado, porque a natureza não funciona como cenário, nem como arsenal retórico, é, isto sim, a própria poesia, unindo território geográfico e imaginação, inventividade, o narrador representa o seu lugar, seu espaço: o Pantanal. Quanto a *Livro de pré-coisas*, Ludovic Heyraud<sup>7</sup> observa que:

...desde o início deste “roteiro para uma excursão poética no Pantanal” (subtítulo do livro), vemos uma ligação íntima entre poesia, natureza e linguagem, para atingir a revelação de uma reinvenção do lugar descrito, o Pantanal da Nhecolândia. (Heyraud, 2008: 55)

Heyraud, abordando a região da Nhecolândia, uma das dez sub-regiões do Pantanal, explica que, aparentemente o escritor não quer ser considerado como poeta, quer aparecer mais como um homem simples, apto em desvendar, nas folhas derrubadas, uma natureza que se mostra a ele. Este receio para com a figura do poeta talvez se esclareça pela sua visão da civilização, pois o poeta, na vontade de reinventar a natureza, afasta-se primeiro da civilização, mas ao se utilizar do narrador em primeira pessoa, inscreve-se como. No texto, “Narrador apresenta sua terra natal”, podemos ler os versos seguintes: “Quando meus olhos estão sujos de civilização, cresce por dentro deles um desejo de árvores e aves” (Barros, 2002: 12). Pode-se dizer que, pensar a região como um constructo teórico, instituído em semelhanças e diferenças com outras áreas culturais, sugere conjecturar uma mescla, ou seja, uma fusão de matérias puras que buscam a heterogeneidade com vistas à realidade cultural, reconhecendo a densa vinculação da obra de Manoel de Barros com o contexto sociocultural que serviu de alicerce para seu nascimento. Então, o Pantanal é *locus* da enunciação utilizado pelo escritor contemporâneo Manoel de Barros, na maioria de suas obras. Local esse que é invenção, mas também pertence à vida que o cerca. Fato este percebido em relevante comentário, feito pelo próprio poeta, ao ser indagado, por José Castello, no *Jornal de Poesia*, sobre em que medida Mato Grosso do Sul está presente em sua poesia, ao que respondeu: “Há sempre um lastro de ancestralidades que nos situa no espaço” (Castello, 1996: 3). Portanto muito da obra de Barros configura-se com particularidades que permitem visualizar uma arte que se forma à sombra da cultura local.

Considera-se, dessa forma, o conceito de paisagem como *locus* do espaço geofísico do entorno do Pantanal, o regional sul-mato-grossense, e o costume de sua gente, por crer que esta ampla planície, uma das maiores do mundo, é com certeza responsável por alguns traços característicos desta gente ou de seu modo particular de ver o mundo. Segundo Abílio Leite de Barros, em *Gente pantaneira* (1985), o meio físico-geográfico deveria influir no comportamento humano; de tal modo, o homem das montanhas, tendendo à introversão, ao *ensimesmamento* – constituindo nisso sua paisagem – distingue-se do da planície, assim como o pantaneiro, cuja personalidade manifesta-se mais aberta, solta e predisposta à aventura e à mobilidade (cf. Barros, 1985: 31), resultando daí que a perfeição da paisagem –da planície– acaba produzindo uma estética da amplitude unida à abertura e largueza de vista. Sob esse ponto de vista, interessa-nos pensar

...a idéia de paisagem como sentimento do lugar reinventado no próprio fazer poético, considerando a imagem do horizonte como tema e elemento estruturador do conceito de imagem visada pela busca do horizonte inatingível, infinito. (Nolasco, 2008: 105)

A esse respeito, Maria Luiza Berwanger da Silva, em “Limiares críticos e paisagem da transgressão”, formulou uma conceituação de paisagem como transgressão de fronteira, e delimitou a composição da paisagem enquanto deslocamento incessante a um horizonte sem fim, como

6 Grifo do próprio poeta.

7 Professor da Universidade Paul-Valéry Montpellier III, no texto publicado acerca da obra de Manoel de Barros intitulado: “A reinvenção do Pantanal: abordagem ecocrítica do *Livro de Pré-Coisas*, do poeta brasileiro Manoel de Barros”. Jornada de reflexão sobre a Ecocrítica, 25/11/2008. Faculdade de Letras do Porto. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6482.pdf> Acesso em novembro de 2009.

autêntica expressão do processo de criação literária, que se segue pelo duplo ritmo do “tecer e do destecer” (cf. Berwanger, 1998: 27). Os estudos sobre paisagem, os aspectos de crítica da paisagem, considerando sua articulação pelo aspecto espacial, tratariam de compreender, na intimidade do artesanato poético, “o fio condutor do espaço cujo traço da oscilação, do espaço que hesita entre o fazer e o desfazer, percorrem a paisagem intervalar mais infinita, paisagem que concretiza o sonho ‘baudeulairiano do vaste’” (Berwanger, 1998: 27). De acordo com Paulo Nolasco, em *Fronteiras do local* (2008), a paisagem, ao mesmo tempo desoladora e encantatória do Pantanal, em Manoel de Barros, extrai de sua matriz poética, transfigurada, o amplo poder do verso manoelino que pulsa e emoldura dentro de uma paisagem exuberante:

O fogo que corre pelas macegas quer tomar, à noite imensa, com o brilho de sua lua e estrelas, seu poder de velar segredos de beleza... E quando passa, o fogo deixa ver o que repousava no limbo da aparência – cinzas, floradas no campo, caramujos, ossos e terras vermelhas, antes vislumbradas apenas em sua densa poeira. (Santos, 2008: 112)

Sob essa perspectiva, pensamos “o lugar que demanda, por sua vez, pensar na idéia de que falamos, pensamos e existimos a partir de um lugar” (Santos, 2008: 41), assim, como Manoel de Barros, pensa e escreve a partir de um lugar específico, através da ideia de um espaço vago, sem limites<sup>8</sup>, descreve o Pantanal: “Por aqui é tudo plaino e bem arejado pra céu. (...) Lugares desper-tencidos. Gente ficava isolado (...)” (Barros, 2002: 67). Lugares esses onde os episódios ocorrem através do “não-movimento”, apenas surgem: “Imagens do visto e do que se vê, em um tempo primordial (...)” (Nolasco, 2008: 42). Esse ‘não-movimento’ demarca a resistência da cultura própria de algumas regiões, a busca pela sua valorização e continuidade, a partir da defesa de uma cultura local, que é híbrida, fronteira. Manoel de Barros, no poema V, da terceira parte, de *O livro das ignorâncias* (1993), deixa pistas da existência do autor no escritor, ao explicar onde e quando colheu as informações, “as (...) notícias foram colhidas por volta de 1944, entre os índios chiquitanos, na Bolívia” (Barros, 1993: 85).

Desse modo, confirma-se que a obra de Manoel de Barros é uma transfiguração de suas experiências de vida, com o engenho que lhe é característico, reforçando a ideia da continuação da aldeia e do aldeão nesse mundo babélico contemporâneo. Evoca-se, desta forma, a reflexão de Hugo Achugar, em *Planetas sem boca* (2006), ao sublinhar em que medida a alteração na constituição das identidades locais está regida pela tradição, pelo rito, ou pela inércia – e não pela globalização, tornando-se possível pensar a heterogeneidade própria e histórica dos países latinos, especificamente a da região Centro-Oeste brasileira, mediante a qual as tradições e heranças culturais permitem. É ainda de Achugar a postulação acerca da permanência da aldeia e do aldeão, mesmo em face às mudanças sucedidas na contemporaneidade: “O aldeão vaidoso continua existindo nesse presente, mesmo se possuir ou não antenas parabólicas (...)” (Achugar, 2006: 83).

Essa constância do ‘aldeão vaidoso’ persiste na contemporaneidade, mesmo com as diversas mudanças, constituindo-se como papel primordial à crítica criar e definir os contornos da literatura, considerando o conjunto expressivo de bens culturais que representam a literatura de cada ‘lugar’, a *posicionalidade gedeológica-cultural*, conforme argumenta Achugar. Ainda, num dos poemas de *Ensaios fotográficos*, de Manoel de Barros, intitulado “O poeta”, por exemplo, o sujeito lírico explica como aconteceu, aos treze anos, a sua entrada no universo da poesia, quando recebe a concepção de reino das imagens, olhando a Cordilheira dos Andes, submersa no além da Bolívia, a ser atingida através de todos os poemas desse livro:

---

8 *Livro de pré-coisas*, no poema “A volta (voz interior)”.

De tarde fui olhar a Cordilheira dos Andes que  
se perdia nos longes da Bolívia  
E veio uma iluminura em mim.  
Foi a primeira iluminura.  
Daí botei meu primeiro verso:  
Aquele morro bem que entorta a bunda da paisagem. (...)  
Eu assumi: entrei no mundo das imagens. (Barros, 2003: 47)

A poesia brota da observação de uma paisagem, a da Cordilheira dos Andes, longínqua e perdida no horizonte, suscetível, no entanto, de provocar o fazer poético, que advém como uma iluminura (como um adorno), o que sugere o valor do lugar na obra de Barros. Seu olhar procura sempre o espaço de vivência, marcado pelo seres também pertencentes ao lugar. O verso que nasce dessa espécie de adereço parece representar o olhar de um fotógrafo que enquadra a paisagem e vê a realidade como um desenho formado por linhas. Por isso, a imagem poética é a transgressão da imagem perfeita, como nos versos: “Aquele morro bem que entorta a bunda da paisagem”. Desse modo, a partir de representativa parcela da obra de Manoel de Barros, é possível situar a região como elemento definidor dos textos do escritor sul-mato-grossense, interpretados com a intenção de definir e mapear as sub-regiões culturais que compõem a cultura literária do Estado. Considerando-se inúmeros pontos, tais como a relação entre autor e texto, a responsabilidade do autor pelo sentido e pela significação do texto e seu aporte para a demarcação de diferenças culturais. Desse esforço procederão as sub-regiões culturais, num estado geográfico marcado por processos migratórios.

Segundo Ricciardi, em “Espaço biográfico e literatura”, os espaços na literatura são inúmeros e coloridos, havendo, primeiramente, *um lugar, um espaço da alma e do corpo, um eu que interage com os outros, com o ambiente, com a história e as estórias e que caracteriza a minha maneira de ser, a maneira de ser do escritor ou até de uma geração* (Ricciardi, 2008: 111). Aponta, ainda, motivos para discutir a relação entre espaço biográfico *versus* criação literária, pois, segundo o crítico, às vezes, porém, o que permite entender mudanças, passagens, escatologias, na trajetória de uma obra ou de um autor, é o conhecimento das variáveis históricas, é o conhecimento dos “acidentes” de um texto (Ricciardi, 2008: 111). Comprova-se, assim, na passagem do poema “XIII”, de *O livro das ignorâncias*, que o narrador apresenta os lugares vividos por ele, narrador:

De 1940 a 1946 vivi em lugares decadentes onde o  
Mato e a fome tomavam conta das casas, dos seus  
Loucos, de suas crianças e de seus bêbados.  
Ali me anonimei de árvore.  
Me arrastei por beiradas de muros cariados desde  
Puerto Suarez, Chiquitos, Oruros e Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia.  
Depois em Barranco, Tango Maria (onde conheci o poeta Cesar Vallejo), Orellana e Mcomonco  
– no Peru. (...) (Barros, 1993: 103)

O texto manoelino associa-se aos diversos fatores que deram forma e conteúdo a uma significativa parte de sua obra: a diversidade de culturas inseridas ao cenário natural do Pantanal e que parece pertencer a uma região mais abrangente dos estados de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e dos países circunvizinhos, Paraguai e Bolívia, com os quais mantém maiores afinidades do que com o restante do país, como observou a crítica literária e cultural: “constituindo um novo esquema de divisão por regiões que contemplam as semelhanças, embora não desprezem as peculiaridades de cada componente do conjunto” (Carvalho, 2003: 156-157). Se grande parte da obra literária de Manoel de Barros diz o universal, isso é possível em função da sua interação com o local, o que propicia entendimento maior e adequado dos contextos culturais que configu-

ram a rede de significações da arte manoelina, produzida no entorno do Pantanal. Vale sublinhar que a obra está em estreita relação com o regional: “(...) a noção de região, considerada em seu processo de constituição e de acentuação de peculiaridades locais, aproxima-se à de nação, pois que adota idênticos procedimentos de construção e de afirmação” (Carvalho, 2003: 144). Além disso, conforme Custódia Sena, “tal como a nação, a região é uma tradição inventada e a força mobilizadora dessas construções simbólicas não repousa no fato de serem elas verdadeiras ou falsas, mas no fato de serem eminentemente sociais” (Sena, 2003: 135).

## Considerações finais

À guisa de conclusão, evocamos Olivier Rolin, em *Paisagens originais* (2002), quando demonstra que cada escritor compõe sua própria “paisagem original”, uma vez que a obra de um escritor conduziria aos labirintos minuciosos do passado, como os amores da infância correm no mundo dos sonhos, e que há “um estranho frêmito que cresce em todos nós nesses momentos em que a lembrança se une ao sonho”. De tal forma que a paisagem original de um Borges, diz Rolin, reduzir-se-ia a seus elementos absolutamente primeiros, “do espelhamento infinito, repetição de um tempo cíclico, reprodução de um mundo original do qual o nosso seria apenas a imagem especular”. Dessa perspectiva, resultaria uma concepção de “lugar, espaço da memória”, no qual “as paisagens originais são os espaços sentimentais pelos quais estamos ligados ao mundo, os istmos da memória” (Rolin, 2002: 148-149). Sob esse ponto de vista, em relação à prosa de Manoel de Barros, sublinha-se que os vários textos grifados, sob o nome e a assinatura do escritor / Autor, deixam-se refletir como num espelho tríplice, onde a escritura manoelina é, simultaneamente, contraface da história do local e do chão em que todos os três germinaram.

## Referências

- Achugar, Hugo. 2006. *Planetas sem boca: Escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Nascimento, Lyslei (trad.). Belo Horizonte, Edufmg.
- Barbosa, Ana Maria dos Anjos M. 2010. *Manoel de Barros: Ethos e oralidade no chão do Pantanal*. 197f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras: Área Literatura e Práticas Culturais. UFGD, Dourados-MS.
- Barros, M. 1985. *Livro de pré-coisas: Roteiro para uma excursão poética no Pantanal*. Rio de Janeiro, Philobiblion.
- , 1990. “Conversas por escrito (1970-1989), Entrevistas”, em *Gramática expositiva do chão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- , 1996. *Gramática expositiva do chão* (Poesia quase toda). Civilização Brasileira.
- , 1998. em Godoy, Heloisa e Câmara, Ricardo. Entrevista a Manoel de Barros. *Revista Cult*. São Paulo, Lemos Editorial, outubro, p. 4-9.
- , 2000. *O livro das ignoranças*. 8ª ed. Rio de Janeiro, Record.
- , 2002. *Livro de pré-coisas: Roteiro para uma excursão poética no Pantanal*. Rio de Janeiro, Record.
- , 2003. *Memórias inventadas: a infância*. São Paulo, Planeta.
- , 2008. *Memórias inventadas: a terceira infância*. São Paulo, Planeta.
- , 2010. *Menino do Mato / Manoel de Barros*. São Paulo, Leya.
- Barros, Abílio Leite de. 1985. *Gente pantaneira*. (Crônicas de sua História). Rio de Janeiro, Nova Aguilar.
- Berwanger, da Silva, Maria Luiza. 1998. “Limiares críticos e paisagem da transgressão”, em *Limiares Críticos - Coleção A teoria na prática ajuda - GT de literatura comparada da ANPOLL*. Rio de Janeiro, UERJ, N° 6.
- Boniatti, I. 2000. *Literatura comparada: memória e região*. Caxias do Sul, EDUCS.

- Camargo, Goiandira de F. Ortiz. 2004. "O puro traste em flor: uma releitura das sublimidades poéticas em Manoel de Barros", em Russef, I.; Marinho, M.; Santos, P. S. N. dos. (orgs.). *Ensaio farpados: arte e cultura no Pantanal e no cerrado*, 2ª ed. Campo Grande, Editora UCDB, Editora Livre.
- Carvalho, Tania. 2003. "Fronteiras da crítica e crítica de fronteiras", em *O próprio e o alheio, Ensaio de Literatura Comparada*.
- Castello, José. 1996. "Manoel de Barros faz do absurdo sensatez", *Jornal Estado*, Campo Grande.
- Fernandes, Frederico Augusto G. (org.). 2003. *Oralidade e literatura: manifestações e abordagens no Brasil*. Londrina, Eduel.
- Heyraud, Ludovic. 2008. "A reinvenção do Pantanal: abordagem ecocrítica do *Livro de Pré-Coisas*, do poeta brasileiro Manoel de Barros". *Jornada de reflexão sobre a Ecocrítica*, 25/11/2008. Faculdade de Letras do Porto. Disponível em <http://ler.letras.p.pt/uploads/ficheiros/6482/pdf> Acesso em novembro de 2009.
- Kaliman, Ricardo. 1998. "Un marco (no "global") para el estudio de las regiones culturales", em *Las regiones culturales*. Tucumán, Universidad Nacional de Tucumán/ CONICET.
- Masina, Léa. 1995. Fronteiras do Cone Sul: Limites transcontextuais, em Congresso Brasileiro de Literatura Comparada, 3. *Anais...* Niterói, Associação Brasileira de Literatura Comparada.
- , 2003. "Tradição, transformação e renovação na literatura sul-rio-grandense", *Revista do Instituto de Letras da UFRGS. ORGANON*. Porto Alegre. Vol. 17, pp. 45-51. Edição Especial.
- Marinho, Marcelo. 2002. *Manoel de Barros: o brejo e o solfejo*. Brasília, Ministério da Integração Nacional, Universidade Dom Bosco.
- Nolasco, Edgar César. 2008. "Para onde devem voar os pássaros depois do último céu?" In: *Revista Raído*, volume 2, nº 3, pp. 65-76. Dourados: Programa de Pós-Graduação em Letras/UFGD.
- , 2009. Por uma poética crítica da cultura local. In: *Boletim PROPP*—Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFMS, Campo Grande, Editora UFMS / PROPP, n.1, set., pp. 4-5.
- Ricciardi, G. 2008. Espaço Biográfico e Literatura, em Cairo, L. R.; Santurbano, A.; Peterle, P. e Oliveira, A. M. D. de. *Visões poéticas do espaço*. Assis, UNESP.
- Rolin, Olivier. 2002. *Paisagens originais: crônicas*. Rio de Janeiro, DIFEL.
- Santos, Paulo Nolasco dos. 2008. *Fronteiras do local: Roteiro para uma leitura crítica do regional sul-mato-grossense*. Campo Grande, MS, UFMS.
- Sena, Custódia Selma. 2003. *Interpretações dualistas do Brasil*. Goiânia, UFG.
- Waldman, Berta. 1990. A poesia ao rés do chão, em Barros, M. de. *Gramática epositiva do chão*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

## CV

ANA MARIA DOS ANJOS MARTINS BARBOSA É MESTRE EM LITERATURA E PRÁTICAS CULTURAIS PELO PPG EM LETRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS – UFGD. ESPECIALISTA EM LITERATURA COMPARADA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. PROFESSORA DAS REDES ESTADUAL E MUNICIPAL DE MATO GROSSO DO SUL. PUBLICOU ARTIGOS EM REVISTAS (COMO A REVISTA PAPÉIS DA UFMS, EM 2010). PARTICIPOU DE EVENTOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS.